

unesp



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"**

Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação - Câmpus de Ourinhos

PAULO JUNIOR GODINHO

**FOLIA DE REIS: UMA CULTURA CENTENÁRIA DA FAMÍLIA GODINHO.
(REGIÃO DE CÂNDIDO MOTA-SP).**

OURINHOS- SP

2025

PAULO JUNIOR GODINHO

**FOLIA DE REIS: UMA CULTURA CENTENÁRIA DA FAMÍLIA GODINHO.
(REGIÃO DE CÂNDIDO MOTA-SP).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP- Ourinhos).

Orientador: Prof. Dra. Fabiana Lopes da Cunha

Coorientador: Prof. Dra. Rafaela Sales Goulart

OURINHOS- SP

2025

G585f Godinho, Paulo Junior
 FOLIA DE REIS: UMA CULTURA CENTENÁRIA
 DA FAMÍLIA GODINHO. (REGIÃO DE CÂNDIDO
 MOTA-SP). / Paulo Junior Godinho. -- Ourinhos, 2025
 40 p. : fotos, mapas + 1 CD-ROM

 Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado
 Geografia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
 Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação,
 Ourinhos
 Orientadora: Prof. Dra. Fabiana Lopes da Cunha
 Coorientadora: Prof. Dra. Rafaela Sales Goulart

 1. FOLIA DE REIS. I. Título.

PAULO JUNIOR GODINHO

**FOLIA DE REIS: UMA CULTURA CENTENÁRIA DA FAMÍLIA GODINHO.
(REGIÃO DE CÂNDIDO MOTA-SP).**

Trabalho de Conclusão de Curso de trabalho apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação, Ourinhos, para obtenção do título do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração:

Data da defesa: 04/07/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Fabiana Lopes da Cunha

FCTE/UNESP – Câmpus de Ourinhos (Orientador(a))

Prof. Dr. Rafaela Sales Goulart

Prefeitura Municipal de São José do Norte

Prof. Dr. Luciene Cristina Risso

FCTE/UNESP – Câmpus de Ourinhos

Agradecimento

À Deus que permitiu que eu tivesse vida e saúde. À minha família e amigos que, desde o início, me incentivaram a estudar e continuar no curso de Geografia.

Gratidão eterna à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” a UNESP de Ourinhos que tornou possível o meu sonho de concluir uma graduação. Gratidão especial aos professores e funcionários que me acompanharam nos anos de curso e à minha orientadora Professora Associada Fabiana Lopes da Cunha e à minha coorientadora Dra. Rafaela Sales Goulart.

Aos meus colegas de curso que, nos momentos de dificuldades me auxiliaram sempre.

À minha mãe Lourdes e às minhas irmãs Fabiane e Fernanda que, cuidaram de mim e me deram forças para seguir em frente. Ao meu namorado Hugo que, nos momentos de desânimo me deu forças para seguir. Ao meu padrasto Natalício que, sempre esteve disposto a me auxiliar em momentos difíceis. Ao meu pai Paulo (*in memoriam*), que foi exemplo de ser humano e cidadão. À toda família Godinho que me transmitiu a cultura da Folia de Reis.

Resumo. O presente trabalho traz uma vivência da Folia de Reis como movimento cultural e religioso na região de Cândido Mota no Estado de São Paulo através de uma autoetnografia dos ritos e dos personagens que cercam esta Folia de Reis. Busca trazer uma visão histórica e geográfica do surgimento da Cia de Santos Reis Família Godinho, um grupo criado em 1916, na Água do Almoço, município de Cândido Mota- SP no médio Paranapanema.

O trabalho teve como objetivo buscar a raiz do surgimento da folia de Reis em Cândido Mota e sua vinculação com a Família Godinho. Busca ainda compreender como algumas mudanças de localidade dos fundadores da Cia de Santos Reis Família Godinho acabou contribuindo para que a folia de Reis fosse criada e mantida nesta região por 108 anos.

Palavras-chave: Folia de Reis, Família Godinho, Cândido Mota, Patrimônio Cultural Imaterial.

Abstract: The present work brings a experience of Folia de Reis as a cultural and religious movement in the region of Cândido Mota in the state of São Paulo through an autoethnography of the rites and characters that surround this Folia de Reis. It seeks to bring a historical and geographical vision of the emergence of the Cia de Santos Reis Família Godinho, a group created in 1916, in Água do Almoço, municipality of Cândido Mota-SP in central Paranapanema.

The work aimed to seek the root of the emergence of the revelry in Cândido Mota and its link with the Godinho Family. It also seeks to understand how some changes of locality of the founders of the Cia de Santos Reis Família Godinho ended up contributing to the folia de Reis being created and maintained in this region for 108 years.

Keywords: Folia de Reis, Family Godinho, Cândido Mota, Intangible Cultural Heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Saída da bandeira de Reis família Godinho dia 25 de dezembro de 2024.	10
Figura 2- Localização de Cândido Mota em São Paulo	19
Figura 3- Senhor José pereira Godinho, fundador do Grupo de folia de Reis Família Godinho, com seus filhos.	21
Figura 4- Palhaços na saída da bandeira no sítio São José, propriedade da família Godinho na Água do Almoço em Cândido Mota/SP.....	29
Figura 5- Símbolos feito com flores para a brincadeira com os palhaços. Fonte própria (2025).....	30
Figura 6- Encontro das bandeiras no dia Reis, 6 de janeiro de 2025.	32
Figura 7- Bandeira dos Santos Reis Família Godinho.	34

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. A FAMÍLIA GODINHO E A FOLIA DE REIS.	14
2.1 Os Reis Magos e os textos sagrados	14
2.2 Surgimento da Folia de Reis	17
2.3 Cândido Mota no Estado de São Paulo	18
2.4 Família Godinho	20
2.5 Rituais da Folia.....	22
2.6 Funções dentro do Grupo de Folia de Reis.	25
2.7 A figura dos Palhaços	28
2.8 Jornada de visitas do Grupo e a festa de Reis.	30
2.10 Tradição Oral.....	34
2.11 A folia de Reis, uma cultura.....	35
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	39

1. INTRODUÇÃO

A Folia de Reis ou Reisado é uma manifestação cultural e religiosa de tradição popular, muito comum em diversas regiões do Brasil, especialmente no Sudeste (como Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro) e Centro-Oeste. Essa celebração ocorre tradicionalmente entre o Natal, 25 de dezembro, e o Dia de Reis, 6 de janeiro. Consiste em grupos de foliões trajados com roupas coloridas, chapéus enfeitados e muitas vezes máscaras que saem pelas ruas, visitando casas e levando uma bandeira representando os Santos Reis: Melchior, Gaspar e Baltasar (Brandão, 1984).

As sagradas escrituras relatam a viagem dos três Reis Magos que, saindo em viagem se dirigiram ao oriente, mais especificamente Belém na Judeia. Essa viagem se daria com o objetivo de visitar o menino Jesus que acabara de nascer e que, seria o salvador da humanidade. Os magos entregaram seus presentes e voltaram para suas terras (Bíblia do Peregrino, 2011).

No campo musical, a Folia de Reis é fortemente marcada pela presença da viola caipira, instrumento emblemático da música tradicional brasileira. Sua sonoridade característica confere identidade à folia e reforça o elo entre a devoção religiosa e a cultura do interior do Brasil (Weber, 2021). Os foliões, organizados em grupos chamados de companhias, percorrem zonas urbanas e rurais, entoando cantigas que narram a jornada dos Reis Magos, sempre acompanhados por instrumentos como violão, pandeiro, caixa e, principalmente, a viola, que desempenha papel central tanto na harmonia quanto na condução melódica das músicas.

A Folia de Reis da Família Godinho, reconhecida por sua longevidade e pelo preservação dos valores tradicionais da folia, tem o reconhecimento dos devotos como um grupo histórico e tradicional na região. A chamada notícia vinculada através do portal AssisCity (2021) reafirma isso: “Cia de Reis Família Godinho comemora 104 anos com live neste domingo”. Tal longevidade do grupo é baseada na oralidade de pessoas da cidade que se lembram das visitas da Cia de Reis Família Godinho quando ainda eram crianças. Muitos membros de nossa família se recordam desses eventos. Com raízes fincadas no interior do estado de São Paulo, a Família Godinho mantém, há diversas gerações, a prática da folia como expressão de fé, identidade cultural e resistência. Além de realizar apresentações em diversas localidades, a Folia da Família Godinho também

desempenha um importante papel como transmissora de saberes e tradições, ensinando às novas gerações não apenas as músicas e os rituais, mas também os significados simbólicos que envolvem essa prática.

Figura 1- Saída da bandeira de Reis família Godinho dia 25 de dezembro de 2024.



Fonte própria (2024).

Através de nossa pesquisa, é possível observar que a origem da família Godinho é Portuguesa. O senhor José Pereira Godinho, fundador do grupo, viveu no estado de Minas Gerais durante alguns anos. Ainda jovem comprou uma gleba de terra no município de Ribeirão Claro, no estado do Paraná. Após a perda dessas terras, acabou adquirindo uma pequena propriedade na região de Cândido Mota-SP. Assim, o senhor José trouxe consigo uma ótica portuguesa, mineira e paulista sobre a cultura da folia de Reis.

Essa junção de elementos, acontecimentos e mudanças, faz com que tenhamos uma cultura a ser estudada de uma ótica geográfica e histórica, buscando evidenciar elementos significativos que impactam na cultura, na religião e na maneira em que as pessoas vivem os treze dias de rituais.

Esse trabalho tem como objetivo analisar a Folia de Reis enquanto manifestação cultural e religiosa, destacando sua trajetória histórica, seus elementos simbólicos e musicais, e, em especial, o papel desempenhado pela Folia de Reis da Família Godinho enquanto manifestação cultural.

Através da autoetnografia, busco no presente trabalho, refletir sobre como temos a folia de Reis da família Godinho hoje, ou seja, quais fatos e acontecimentos foram necessários para que surgisse a folia de reis e, não só isso, quais acontecimentos geográficos e históricos foram necessários para que, se criasse o grupo da família Godinho. Buscar na memória, através da tradição oral, os principais acontecimentos que mantêm viva essa tradição, ainda mais, sendo eu um dos gerentes do grupo e um dos responsáveis por manter viva essa tradição.

A metodologia utilizada para realização desse trabalho é a autoetnografia. Esse método faz com que a experiência do próprio autor seja relatada em seu trabalho acadêmico. Segundo Ribeiro (2020), a autoetnografia, tem um caráter inovador e revolucionário, tornando-se possível seu uso em diversas áreas do conhecimento, trazendo uma compreensão através da reflexividade.

O método ressalta a importância da experiência pessoal do pesquisador e requalifica a relação entre objeto e observador, instaurando um novo modo de construção e entendimento desse relacionamento (Ribeiro, 2020, p. 2).

Com esse método, se faz possível analisar as próprias experiências do indivíduo, nesse caso, com a folia de Reis. Esse ponto de vista faz com que, se tenha uma visão aproximada e se faz possível descrever com detalhes os ritos e rituais, sendo um importante instrumento de conhecimento.

O método auto etnográfico faz uso do subjetivo como ponto de vista geracional para entender e suscitar modos de abordagem para questões que estão diretamente relacionadas a manifestações do individual dentro da cultura. Nisso, parte do particular em direção ao geral, criando uma concepção de estudo que busca entender o todo através do particular, e não ao contrário, como até então tratavam a cultura muitos métodos das ciências sociais (Ribeiro, 2020, p.2).

Esse fragmento mostra um dos fatores de grande risco para a ciência que é a subjetividade que pode custar um grande valor à ciência, com uma análise de vulnerabilidade e sentimentalismo, principalmente quando se tem o pesquisador como parte da pesquisa, como um dos objetos (Ribeiro, 2020).

Por muito tempo, buscou-se imparcialidade nos trabalhos acadêmicos e pesquisas, essas “sem imparcialidade” usada como um item validador e qualitativo da verdadeira ciência e dos métodos de pesquisa científicas. Contudo, essa conduta não se faz possível, visto que, tornar-se totalmente imparcial, numa pesquisa em que o tema é uma manifestação cultural e coletiva da própria família seria impossível (Ribeiro, 2020).

Nessa pesquisa autoetnográfica, assume-se que tal parcialidade é inevitável, no entanto, apesar de tal vulnerabilidade, buscamos fazer aqui uma reflexão seria e sincera, mostrando fontes e dados ainda ignorados e muitas vezes apenas acessíveis aos membros da família (Ribeiro, 2020).

Fazer autoetnografia é uma maneira de considerar o “não considerado”. Ela traz para a cena da pesquisa os “eus” vulneráveis. Possibilita ouvir vozes silenciadas, numa dinâmica de pesquisa que até então considerava apenas vozes de estudiosos da cultura. A autoetnografia possibilita a cultura falar por ela mesma. Nisso, a importância de se ter consciência de qual perspectiva está a olhar o objeto, pois o estudo a partir disso sofre mudanças em diversos aspectos, direcionando assim os resultados. Quando consideramos a reflexividade e a experiência pessoal, trazemos à tona dados antes não confrontados que fazem parte da essência do objeto estudado (Ribeiro, 2020, p.3).

O presente trabalho com a autoetnografia traz detalhes, mostrando como são feitos rituais da folia de Reis em Cândido Mota, facilitando o entendimento dos acadêmicos e não acadêmicos sobre esse evento no geral e neste caso, em particular. Os referenciais trabalhados mostram a origem e a consolidação da folia de Reis exaltando sua importância para a cultura popular brasileira.

Os textos que embasaram o presente trabalho foram selecionados de acordo com o tema para que fosse possível uma análise dos rituais: trabalhos que mostram a necessidade de se estudar tais temas, visando uma valorização e maior conhecimento das especificidades das tradições relacionadas à Folia de Reis. Dessa forma buscamos aqui discorrer textos que relatam desde eventos bíblicos até seu surgimento como movimento cultural.

Uma das principais justificativas desse trabalho é o envolvimento com a folia de Reis desde muito criança. Isso faz com que eu tivesse interesse em estar desenvolvendo este trabalho, contribuindo para a história de minha família e para a geografia cultural do Brasil. Desde muito criança participo da folia, graças ao incentivo da minha família que mantém viva essa tradição, transferindo-a de pai para filho. Atualmente sou gerente do grupo junto com meu tio e, desse modo, se fez possível construir esse trabalho.

Existem poucos materiais a respeito dos grupos e festejos da folia de Reis que trazem esse assunto através de um método etnográfico. Vele ressaltar do trabalho de Ribeiro (2020): “A Autoetnografia, o Musicar e a Foliã de Reis, uma pesquisa em

construção”, que analisa o fazer musical da Folia de Reis da Família Prudêncio¹, com uma autoetnografia com a experiências vividas pela autora como um importante estudo cultural, revelando os conhecimentos dentro desse grupo.

Vale ressaltar que segundo Goulart & Cunha (2024), existem cerca de 153 pesquisas acadêmicas no Brasil com diversas metodologias a partir de 1985 sobre folia de Reis. Cerca de 54% dos trabalhos foram realizados em universidades da região Sudeste do Brasil. No Nordeste, 27,4%, 15% no Centro-Oeste. No Sul do Brasil, 3,2. Na região Norte não se encontrou nenhum trabalho. No Estado de São Paulo, encontram-se 13 trabalhos. Cerca de 27 municípios, dos 645 do Estado de São Paulo possuem movimentos com a cultura de Folia de Reis.

O trabalho “Cultura Popular, Religião e Imprensa Local: as Festas de Reis de Cândido Mota-SP nos Jornais da Cidade (1972-2016)”, (FABRI, 2019) transmite um olhar sobre essa Folia de Reis através das lentes das câmeras e das reportagens locais, entre os anos de 1972 à 2016, selecionando para isso 4 reportagens. O artigo “Um mapa das folias de Reis do Estado de São Paulo: Notas Preliminares sobre o processo de reconhecimento de um patrimônio cultural e imaterial do Brasil”, traz o mapeamento dos grupos de reis com base em pesquisas acadêmicas sobre o tema. Busca trazer ainda contribuições sobre esse bem Cultural e as ações locais para sua preservação (Goulart, 2024). É de grande importância esse trabalho que busca detalhar e reconhecer os movimentos desses grupos dentro do estado de São Paulo. Ao fazer isso nota-se que cada grupo tem suas características próprias (Goulart, 2024).

Segundo Goulart & Cunha (2024), a importância desse trabalho se dá por conta das poucas pesquisas existentes sobre este assunto sendo ele, de suma importância para cultura e história de alguns grupos e famílias na região do Vale do Paranapanema. Visa ainda levar ao conhecimento público a Folia de Reis como uma tradição cultura de grande importância.

Atualmente podemos deslumbrar que está tradições da cultura popular tem perdido espaço para outros tipos de manifestações culturais devido, em parte, ao processo de globalização que estimula a troca e a “mistura” de diferentes culturas. Com a aceleração de tal processo com avanço da tecnologia e de outras formas de convivência e

¹ Ribeiro utiliza o conceito *musicking* (musicar) desenvolvido pelo etnomusicólogo Christopher Small(1998;1999) que transforma a palavra música em ação, com seus múltiplos engajamentos.

de manifestação cultural, esse trabalho procura evidenciar a relevância da memória e das práticas culturais para a manutenção de certas tradições históricas e culturais como elo e meio de integração e identidade para a vivência e convivência de muitas famílias na região estudada:

A ideia de Avanço e progresso da cidade se opôs à ideia de retrocesso e atraso do campo. Um maniqueísmo que rendeu frutos dolorosos ao interior. Como se não bastasse, a elite rural, mais afinada às ideias de modernidade da cidade, acabou por rejeitar seu igual menos favorecido do campo, o camponês, que ficou com pecha de caipira (VILELA, 2015, p. 24).

Esses fenômenos fazem com que haja uma modificação na própria maneira de se realizar a Folia de Reis. Os meios de transportes, as doações, os trajetos percorridos pelo grupo, marcam as mudanças dessa tradição.

2. A FAMÍLIA GODINHO E A FOLIA DE REIS.

2.1 Os Reis Magos e os textos sagrados

Nas sagradas escrituras (bíblia), o profeta Isaías chama atenção para o nascimento de um Menino em seu capítulo sétimo: “Pois o Senhor, por sua conta, vos dará um sinal: Vede: a jovem está grávida e dará à luz um filho, e lhe dará o nome de Emanuel” (Bíblia do Peregrino, 2011, p.1701).

Isaías completa essa profecia em seu nono capítulo, dizendo que o menino será o rei, usando a figura do cetro, símbolo da realeza:

Porque um menino nos nasceu, um filho nos trouxeram: carrega o cetro do principado e se chama "Milagre de Conselheiro, Guerreiro divino, Chefe perpétuo, Príncipe da paz" Seu glorioso principado e a paz não terão fim no trono de Davi e em seu reino; ele se manterá e consolidará com a justiça e o direito, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos exércitos o realizará (Bíblia do Peregrino, 2011, p.1705).

Nas citações é possível analisar essa promessa do Salvador onde, a jovem que, tarde ficaria conhecida como a Virgem Maria, mãe de Jesus e seu filho que é o Cristo, o Emanuel. Isaías traz três aspectos da salvação: a glória depois da humilhação, a luz nas trevas, alegria realizada. Essa salvação é o Menino. O profeta Isaías vai completar a sua profecia revelando os presentes dos Reis Magos ao Menino:

Então o verás, radiante de alegria; teu coração se maravilhará, se dilatará, quando verterem sobre ti o tráfico do mar e te trouxerem as riquezas dos povos. Uma multidão de camelos te inundará, dromedários de Mídia e de Efa. Vêm todos de Sabá, trazendo incenso e ouro e proclamando os louvores do Senhor (Bíblia do Peregrino, 2011, p.1824).

Matheus em seu Evangelho, fala sobre José, figura importante para o nascimento de Jesus além de Maria, trazendo a revelação do casal (pais de Jesus) e o anúncio a José de Maria havia sido concebida pelo Espírito Santo (Bíblia do Peregrino, 2011, p. 2320). Há ainda uma descrição de tais eventos no Evangelho de Lucas, na passagem da Anunciação do Anjo à Virgem Maria afirmando que, ela daria a luz a um filho, o filho de Deus: “O senhor Deus lhe dará o trono de Davi seu pai, para que reine sobre a casa de Jacó para sempre e seu reinado não terá fim” (Bíblia do Peregrino, 2011, p. 2452). Segundo relato de João, o Evangelista, Maria diz: “Aqui tens a escrava do Senhor. Que sua palavra se cumpra em mim” (Bíblia do Peregrino, 2011, p. 2453).

No capítulo dois de Lucas, revela-se o nascimento de Jesus. Maria já grávida, próxima de dar à luz, junto com José, seu marido, seguem para Nazaré, mais especificamente à cidade de Davi, Belém. A cidade de Belém é um importante ponto de referência pois, José era da descendência de Davi. Essa viagem acontece porque o imperador César Augusto decreta o licenciamento a todos os povos (Bíblia do Peregrino, 2011, p. 2456).

Estando eles aí, cumpriu-se a hora do parto, e deu à luz o seu filho primogênito. Envolveu em panos e o deixou numa manjedoura, pois não havia encontrado lugar na pousada (Bíblia do Peregrino, 2011, p. 2457).

O Evangelista relata ainda a presença de um anjo que aparece aos pastores, que apascentavam as ovelhas naquela região. O anjo diz que naquele dia havia nascido “na cidade de Davi o Salvador, o Messias e Senhor” (Bíblia do Peregrino, 2011, p. 2457). No Evangelho segundo Matheus, no início de seu segundo capítulo, traz a homenagem dos magos ao Menino que acaba de nascer:

Jesus nasceu em Belém de Judá, quando Herodes reinava. Aconteceu que uns magos do Oriente se apresentaram em Jerusalém, perguntando: Onde está o rei dos judeus recém-nascido? Vimos surgir seu astro e viemos render-lhe homenagem. Ao ouvir isso, o rei Herodes começou a tremer, e toda Jerusalém com ele. Então, reunindo todos os sumos sacerdotes e doutores do povo, perguntou-lhes onde deveria nascer o Messias. Responderam-lhe: Em Belém de Judá, como está escrito pelo profeta: Tu, Belém, no território de Judá, em nada és o menor dos povoados de Judá, pois de ti sairá um chefe, o pastor do meu povo Israel. Então Herodes, chamando secretamente os magos, perguntou-lhes o tempo exato em que havia aparecido o astro; depois os enviou a Belém com a recomendação: -Averiguai com exatidão o que se refere ao menino. Quando o encontrardes, informai-me, para que eu também vá prestar-lhe homenagem. Tendo ouvido a recomendação do rei, partiram. Imediatamente o astro que haviam visto surgir avançava à frente deles, até deter-se sobre o lugar em que estava o menino. Ao ver o astro, encheram-se de imensa alegria. "Entraram na casa, viram o menino com sua mãe Maria, e, prostrando-se, prestaram-lhe homenagem. Depois abriram seus cofres e lhe

ofereceram como dons ouro, incenso e mirra. Em seguida, avisados por um sonho que não voltassem à casa de Herodes, regressaram para sua terra por outro caminho (Bíblia do Peregrino, 2011, p. 2320).

Utilizamos tais relatos bíblicos, pois são eles que irão nortear as narrativas e representações vivenciadas pelos grupos de folias de Reis, tendo como ponto central o nascimento do Menino Jesus. Assim como os magos fizeram em Belém, os foliões representam os Santos Reis quem buscam encontrar e homenagear e presentear o menino Jesus.

Segundo Antonio (2012), a quantidade de magos que visitaram o menino Jesus, foi retratada através de uma iconografia sobre o tema, (uma das primeiras), em um antigo afresco na catacumba de Santa Priscila, em Roma (século II), onde se mostra os três Magos. É possível se pensar também que eram três presentes que foram entregues: ouro, incenso e mirra.

Há vários outros ícones que retratam os Magos. Um exemplo é o mosaico de Santo Apollinare Nuovo, em Ravena. Este é datado do século VI e já constam os nomes pelos quais os Magos ficaram conhecidos: Baltazar, Belchior (ou Melchior) e Gaspar (Antonio, 2012, p.715).

Neste mosaico é possível observar que os magos usam trajes bastante coloridas e gorros na cabeça. Os presentes que carregam são ornados. Apresenta também a estrela que guiou os magos até Belém, onde estava o Menino Jesus. Cada mago era representado com uma idade diferente sendo Gaspar mais idoso, Baltazar adulto e Melchior jovem (Antonio, 2012, p. 715).

Após, apresenta Helena, a mãe de Constantino, expondo-a como uma pessoa muito piedosa, tendo ido procurar os corpos dos Magos, e que, ao reuni-los, levou-os para Constantinopla, e depositou-os na Igreja de Santa Sofia. Depois, ao ficar sobre domínio da Igreja Ortodoxa e os milaneses os transladaram para sua cidade. Após 1144, Milão, no norte da Itália, quando se rebelou contra o imperador Frederico I, o arcebispo Reinaldo levou as supostas relíquias para Colônia, ao norte da Alemanha, os depositando na igreja de São Pedro (Antonio, 2012, p. 718).

. Com as relíquias na cidade de Colônia, tendo concluída essa transferência, foi construído no local onde era a igreja de São Pedro uma enorme Catedral para abrigar as preciosas relíquias dos magos e abrigar também os peregrinos que ali visitavam e, faziam preces a serem alcançadas bem como, agradeciam as bênçãos alcançadas (Antonio, 2012, p. 719).

(...) na segunda metade do século XIV foi escrito um documento exemplar para a cultura que cerca os Magos, é o Livro dos Magos. Intitulado originalmente como o Livro da Gesta da Tripla Deslocação dos três muito Bem-Aventurados Reis, os quais foram às primícias dos povos e o modelo de salvação de todos os cristãos, o seu autor foi o monge carmelita João de Hildesheim. Este morreu

em 1375 e não se sabe ao certo o ano de seu nascimento. Fez diversas viagens pela Europa, o que contribuiu para a produção deste livro. Esteve no pontificado de Clemente VI (1342-1352), em Avinhão e foi prior da comunidade carmelita de Kassel, na Alemanha. A cidade de Hildesheim é próxima à Colônia, dessa maneira a proximidade trouxe a inspiração ao autor (Antonio, 2012, p. 720).

Segundo Antonio (2012), o Livro dos Magos, vai deixar evidente as tradições orais da sociedade do período medieval. Nele contém uma visão da época em que se baseou em peregrinos e cruzados que rondavam aquela região da Europa medieval, a visão sobre o Oriente e sobre os magos.

Quando os três reis, vindo cada qual por seu caminho, ficaram a aproximadamente duas milhas de distância de Jerusalém, levantou-se sobre toda a terra uma espessa névoa, negra e tenebrosa, e na escuridão perderam a estrela que os guiava [...] Então Melchior foi o primeiro a chegar com seus ao monte Calvário [...] parou portanto aí, devido à névoa e porque não conhecia o caminho [...] Baltazar, rei dos Godolias e de Sabá, chegou com o seu exército pelo caminho que seguira e deteve-se, no meio das trevas [...] neste mesmo momento chegou com o seu exército Gaspar, rei de Társis e da ilha Egriseula: e deste modo se encontraram os três Reis na mesma encruzilhada (HILDESHEIM, 2004, p. 49-53).

Hildesheim (2004) vai dizer que os Três Reis deveriam ter nacionalidades diferentes e que um deles, Melchior, seria um rei negro. O rei Melchior seria da primeira Índia, Danúbia e dos árabes. O rei Baltazar seria o rei da segunda Índia, da Gôdolias e de Sabá. O Rei Gaspar seria da terceira Índia, de Társis e da ilha Egriseula.

A partir desses relatos bíblicos e dos textos antigos se faz possível compreender as narrativas religiosas do surgimento da Folia de Reis.

2.2 Surgimento da Folia de Reis

Na literatura se faz possível analisar a tradição da folia de Reis que teria chegado no Brasil através dos portugueses no período colonial. Na Península ibérica essa manifestação cultural se dá através de trocas de presentes, danças e cânticos. Seria possível que a folia de Reis, num formato aproximado com que conhecemos hoje e que é tradicional no médio Paranapanema, teria surgido por volta do século XVI, por meio da ação evangelizadora dos Jesuítas, um instrumento de catequização para os indígenas e posteriormente, para os escravizados. Dessa forma, a Folia de Reis passou a fazer parte de muitas culturas e etnias, fazendo com que os grupos de cada região do Brasil tenham características diferentes. Nessa mistura, pode-se observar o sincretismo religioso em que, a folia também acaba por ser influenciada. Contudo, se mantém viva e tem como objetivo a crença e devoção ao menino Jesus, e as demais figuras que envolve o seu

nascimento, como é o caso dos próprios magos, da Virgem Maria e, da linhagem de Davi, o pai de Jesus, são José (PERGO, 2007, p. 1).

Os grupos de Folia de Reis normalmente são formados em consequência a uma promessa. Muitas vezes essa promessa é feita por algum devoto ou cantor de folia de Reis. A partir das bênçãos alcançada, cumpre-se a promessa de que durante sete anos o grupo deve fazer suas visitas e realizar, ao final das visitas, a grande festa dos Reis Magos. Durante as cantorias os foliões se alternam em cantos e versos que relatam e enfatizam essas promessas e votos alcançados, fazendo um testemunho e comprovando a eficácia dos pedidos feitos para a intercessão dos Reis do Oriente. Essa comprovação do milagre alcançado fará com que o devoto se solidarize com a ação e contribua ainda mais com a festa. Os grupos de folia de reis são formados por representantes dos três Reis magos, os palhaços, os cantores e os instrumentistas (PERGO, 2007, p. 2). Além dessas figuras importantes, outro de relevância é o festeiro, responsável por organizar toda a festa e incentivar a companhia no período de visitas, período esse chamado também de jornada.

2.3 Cândido Mota no Estado de São Paulo

Alexandre (2023) vai dizer que foi com o objetivo de alcançar informações sobre: solos cultiváveis, riquezas minerais, grande potencial de água, que se criou a Companhia Colonizadora Paulista (CPP) em 1887. Além dos recursos naturais, a Companhia buscava também informações de quantidade e localização de povos originários (indígenas). Em 1890, o governo estadual de São Paulo envia comitiva para adentrar o interior de São Paulo. Esse percurso se daria através do Rio do Peixe via Botucatu/SP. A caravana chega em Botucatu no ano de 1891.

A estrada de ferro Sorocabana permanece em atividade até o ano de 1875 quando foi incorporada à FEPASA (ferrovia Paulista SA). Em 1866, chegam então à cidade de Sorocaba o imigrante Austro-húngaro Luis Matheus Maylasky, que propõe a ligação entre Sorocaba e São Paulo por meio de estrada de ferro. Em 1914 a estrada de ferro chega ao então conhecido posto chamado de Parada do Jacu.

A Parada levou esse nome devido a uma bomba de sucção para bombear a água do Rio Jacu, rio de muita importância pois, por volta dos anos de 1880 a 1895, foi ponto de parada para os tropeiros e viajantes. Essa água era utilizada para abastecer as locomotivas movidas a vapor. Essa Parada também ficou conhecida como Chave, devido

a um equipamento que era usado para direcionar o trem em uma linha secundária, paralela a linha principal. Enquanto isso, a locomotiva estava na linha secundária era abastecida de água e lenha e assim, a linha principal ficava livre para que, outras locomotivas trafegassem livremente.

Até 1890, nas proximidades da Parada do Jacu, havia uma grande madeireira que posteriormente se tornou um depósito que armazenava as madeiras para a manutenção da malha férrea. A madeireira era um modelo de economia. Em 1918 a Parada do Jacu é elevada ao status de estação. O povoado que ali era formado passou a ser chamado então como “Posto ou Parada do Jacu” em 1920. Mais tarde a então Estação do Jacu, recebe o nome de Estação Cândido Motta, em homenagem ao secretário Estadual da Agricultura que fora responsável por resolver problemas na Estrada de Ferro Sorocabana, que foi essencial para melhoria dos transportes e escoamento dos grãos produzidos na região. Um fato curioso é que o nome é dado antes mesmo da morte de Cândido Motta. Não se sabe por que atualmente Cândido Mota se escreve apenas com T. (Alexandre, 2023).

Em 24 de dezembro de 1921, Cândido Mota se tornara um distrito de Assis pela lei nº 1.831. Logo, em 28 de dezembro de 1923, pela lei nº 1.956, emancipa-se do município de Assis e a primeira comarca foi fundada em 14 de março de 1924 (Alexandre, 2023).

Figura 2-Localização de Cândido Mota em São Paulo



Fonte: wikimedia

Segundo a narrativa oral, a Folia de Reis na região de Cândido Mota/SP é uma importante tradição cultural na região, pois desde a criação do município e fundação da cidade existem grupos que se mantêm ativos até a atualidade, sobrevivendo às modernidades dos tempos presentes. Resistir às mudanças promovidas pela modernização e pelas novas formas de sociabilidade e de visão de mundo, muitas vezes é uma batalha. Batalha essa que minha família tem feito parte desde sua chegada no município.

2.4 Família Godinho

Na família Godinho é muito presente a tradição oral e, foi através dela que pude entender muitas histórias que cercam a Folia de Reis da família. No período da jornada, ou seja, das visitas feitas pelo grupo, é nos intervalos que acabam sempre aparecendo histórias que lembram de fatos do passado. Quando se chega a um determinado local também é possível saber de alguns acontecimentos vivenciados há muitos anos, graças à recordação e narrativa do grupo. Fala-se sobre as pessoas que ali moravam e da situação dos indivíduos que ali viviam. Muitas vezes se recorda o grau de parentesco com aquelas pessoas. Nas áreas rurais, principalmente, os mais velhos sempre apontam para as mudanças sofridas pela localidade, de como está diferente a paisagem, o lugar, as pessoas e, então trazem narrativas sobre como eram as coisas, fatos relevantes e/ou pitorescos ocorridos ali. Muitas vezes essas experiências vivenciadas e narradas por meus tios são indagadas por mim e muitas vezes sou surpreendido por revelações e fatos inimagináveis dos meus antepassados.

É também a partir delas que é possível constatar que, num contexto de mudanças, de colonização da região do oeste paulista, chegam os pioneiros da família Godinho: o senhor José Pereira Godinho e sua esposa Ana Ferreira Godinho, advindos do estado de Minas Gerais. Com descendência portuguesa, o senhor José e sua família, se estabeleceram na região de Ribeirão Claro, no Estado do Paraná. Na tradição familiar (tradição oral), o Senhor José teria adquirido uma gleba no município paranaense. Por conta de problemas familiares acabaram por sair daquele região e, seguiram para a atual Cândido Mota/SP, firmando raízes profundas no bairro rural Água do Almoço.

Segundo estas narrativas, em 17 de dezembro 1916, sob inspiração divina, e a influência da tradição portuguesa e brasileira (mineira), é fundada a Cia de Santos Reis Família Godinho, também conhecida como Companhia dos Godinhos. Após o

falecimento de José Pereira Godinho em 1970, seus dois filhos assumem a gerência do grupo, sendo eles, José Pereira Godinho Filho e Pedro Pereira Godinho. Com o falecimento de ambos, o senhor Paulo Pereira Godinho, filho de José Pereira Godinho Filho assume a direção do grupo. Por ocasião de problemas de Saúde, o senhor José Pereira Godinho (neto), irmão de Paulo, assume como comandante do Grupo.

Gerentes do Grupo, tendo em vista o período de gerência:

- José Pereira Godinho (1916- 1970);
- José Pereira Godinho Filho (1970-1988);
- Pedro Pereira Godinho (1970- 1973);
- Paulo Pereira Godinho (1973- 2001);
- José Pereira Godinho (2001- atualmente);
- Paulo Junior Godinho (2024- atualmente).

Além dos nomes citados, vale ressaltar a importância de outros membros da família que desempenhavam diversas funções no grupo.

Figura 3- Senhor José pereira Godinho, fundador do Grupo de folia de Reis Família Godinho, com seus filhos.



Fonte própria (1950).

Pessoas presentes na imagem 1:

- 1-Manoel Arruda;
- 2- José Pereira Godinho;
- 3- Antônio Pereira Godinho;
- 4- José Pereira Godinho Filho;
- 5- Pedro Pereira Godinho;
- 6-José Izaias.

A imagem acima, trata-se de uma foto bastante antiga que chegou a mim através de meus tios. Na família Godinho é muito presente a cultura de se ver fotos e de contar histórias. Os mais novos, através da tradição oral, recebem dos mais velhos informações importantes sobre a família. É possível identificar as pessoas nas imagens através desses relatos e momentos culturais vivenciados entre os familiares.

2.5 Rituais da Folia

A folia de Reis é composta por vários integrantes e várias funções diferentes. Ao fazer as visitas nas casas dos devotos, são cantadas toadas. As letras delas são espontaneamente criadas pelo mestre/embaixador, tornando possível criar letras oportunas para cada momento. Dessa forma, quando o grupo chega, agradece cantando a acolhida e, explica-se qual o sentido da visita. Depois, canta-se em agradecimento às oferendas. Por último, canta-se a despedida.

Em locais que oferecem almoço, o rito é diferente. Primeiro é feito a meia lua em que, os foliões se organizam em duas filas índias e fazem uma espécie de procissão na frente da residência daqueles que vão oferecer o almoço e agradecem a acolhida no portão. Os donos da residência fazem brincadeiras com os palhaços e após esse ritual, todos entram na residência e, canta-se outra toada fazendo um pedido para que a família acolha os foliões junta à mesa da família para o almoço. A família guarda a bandeira e os instrumentos. Todos se reúnem ao redor da mesa, fazem uma oração cantada em agradecimento pelo alimento sobre a mesa. Após todos comerem, volta-se a cantar, agradecendo o almoço oferecido pela família e as oferendas. Ao final, entoa-se músicas de despedida, se faz a meia lua novamente, saindo da residência e os foliões prosseguem com as visitas.

Ao chegar no jantar, o grupo faz a meia lua na frente da residência da família que vai oferecer o jantar, canta-se, os donos da casa fazem brincadeiras com os palhaços e depois volta-se a cantoria já no interior da residência pedindo a acolhida junto à mesa da família para o jantar. Após a cantoria guarda-se os instrumentos e a bandeira na casa da família que acolhe o grupo. É assim como no almoço, se reúnem todos ao redor da mesa fazem orações cantadas e após o jantar todos voltam para suas casas. No dia seguinte, os cantadores voltam na residência onde foi oferecido o jantar na noite anterior. A família que ofereceu o jantar prepara um café da manhã. Após todos tomarem café reúnem-se para afinarem os instrumentos de corda e inicia-se a cantoria. Somente os instrumentos e os cantadores começam. O mestre agradece o jantar e a acolhida feita pela família no jantar e no café da manhã cantando. Ainda nesse ritmo, pede-se para que os anfitriões tragam a bandeira para iniciar o dia. O mestre então interrompe a cantoria e, todos que estarão juntos àquele dia fazem uma fila e beijam a bandeira em sinal de devoção e de bênção para o dia que se inicia. Após isso, volta-se a cantar e se convida os palhaços a chegarem próximos da bandeira, já com todo o traje vestido. O grupo agradece todas as ofertas, se despede e faz a meia lua saindo da residência.

No caso de o grupo chegar em uma localidade que a família tem um presépio o rito é diferente. Os palhaços ao chegarem em todas as casas fazem algumas perguntas: se o dono da casa acolhe o grupo e se a residência possui um presépio. Caso haja um presépio ou apenas a imagem do Menino Jesus, os palhaços retiram as máscaras e de joelho, chegam ao local onde está a imagem. Os demais cantadores em forma de fila indiana seguem atrás dos palhaços em pé e tocando uma melodia sem canto. Os palhaços e demais cantadores fazem o sinal da cruz próximo à imagem que representa o menino Jesus. O dono da casa fica ao lado segurando a bandeira. O mestre entoa uma toalha contando os textos bíblicos que mostram a função do grupo, o que fizeram os magos do Oriente. Após a tomada, o palhaço ou o mestre pronunciam um poema, conhecido também como verso, que narra o nascimento de Jesus. Após o verso o mestre canta agradecendo a acolhida e pede-se ofertas para a festa de Reis. Depois disso, agradece todas as ofertas e canta-se a despedida. Os palhaços ficam o tempo todo sem a máscara em sinal de que o menino Deus, o próprio Deus, tudo revela e que Jesus é o Deus da verdade. A bandeira deve sempre estar voltada com a pintura para o mestre e os demais cantadores.

Em um CD gravado pela Família Godinho se faz possível ver o anúncio feito nos presépios, ou seja, o verso louvando o Menino Jesus que se faz presente naquela

representação do nascimento de Jesus. Nele é possível observar a maneira que é abordado o nascimento do Menino Jesus:

“Pai eterno nas alturas
Em sua glória de luz.
Anunciamos o nascimento
Do vosso filho Jesus.

Os Três Reis do Oriente
Já havia estudado.
No antigo testamento
Leram os rolos sagrados.

E quando a estrela apareceu,
Todos os três perceberam
Que tudo estava confirmado.

Em Belém que nasceria
Eles notaram na escritura.
Os Magos se lembraram disso
Recordaram da Leitura.

E aquilo na ideia,
Partiram para a Judéia,
assim foram à procura.

Quando em Belém chegaram
Deram mais de mil louvores.
De joelho pelo chão
Os três nobres viajores.

Se levantar os três
Salve o Rei dos Reis
Este é o Senhor do senhores.
Ouro, incenso e mirra

eles ofertaram e foram embora.

Milhões de anjos e arcanjos

Cantavam a voz dando glória:

Viva o Rei dos Reis, também viva os três Reis,

São José e Nossa Senhora” (Panaro, 2011, Faixa 1).

2.6 Funções dentro do Grupo de Folia de Reis.

Na companhia da família Godinho as funções são divididas em: Gerente, o Mestre ou também conhecido como Embaixador, o Contramestre, o Contrato, o Tala, o Contratala, o contratinho e o Fineirinho, conhecido também, como Gritinho ou Tip. Também existe o bandeireiro, os palhaços, os caixeiros e o bandeirista. Em nosso grupo, a Cia de Santo Reis Família Godinho, é cuidada sempre por alguém da família. A gerência, portanto, sempre foi de um membro da própria família. O papel de gerente numa escala de importância, é o principal, visto que, ele é responsável por organizar o grupo, escolher as residências que vão oferecer a refeição, seja almoço ou jantar, para o grupo. Ele é responsável, junto com o Mestre, de organizar os cantores para as visitas domiciliares. O gerente é responsável por organizar os meios de transportes e a dinâmica do grupo.

O embaixador, que nos grupos podem existir vários, é responsável por sustentar e criar as letras dentro das toadas de maneira espontânea, sem decorar textos. Podem pronunciar fragmentos que já foram utilizados, como por exemplo, partes dos textos Bíblicos.

O mestre é responsável por observar o que está à volta do grupo para que junto com a situação, faça versos rimados que depois, dependendo da toada, é repetido pelos demais componentes. Normalmente existem uma série de sinais que podem ser utilizados na cantoria e que revelam os sinais bíblicos da vida de Jesus. Esses sinais podem ser imagens, desenhos cobertos com flores, fitas e entre outros. Na maioria das vezes o mestre toca viola para que os demais instrumentos acompanhem aquilo que o mestre está fazendo.

O contramestre é responsável por olhar e, quando possível, deduzir o que o mestre está cantando para que se faça a segunda voz. Desse modo, o contramestre, na maioria das vezes, toca um instrumento de cordas, assim como o mestre. O mestre e o

contramestre ficam frente a frente e de certa forma, o mais próximo possível da Bandeira. O Contrato faz voz mais grave do grupo, sendo a terceira voz. O Tala é uma voz também grave, porém, mas fina, a quarta voz. A voz do Contratala é o entremeio, não grave demais e nem fina demais, é uma voz mediana. O Contratinho faz a voz bastante aguda e, por muitos, é considerada uma das vozes mais difíceis de ser executada, visto que, é uma voz bastante aguda e que repete o que o mestre canta. O Fineirinho é aquela voz também conhecida como Gritinho pois, não repete o que o mestre canta, mas executa um grito bastante agudo que busca se encaixar na entonação de vozes dos demais cantores e nos finais das frases. Temos também o papel do Bandeiroiro, cuja função é transportar a bandeira durante o período de jornada e, entregá-la às famílias que recebem o grupo. Após a cantoria o Bandeiroiro é responsável por buscar a bandeira novamente. É possível analisar também o papel do Caixeiro que é responsável acompanhar o ritmo da Viola do mestre com instrumento de percussão, na maioria das vezes surdos e instrumentos de couro. O Pandeirista, assim como o Caixeiro, é responsável por tocar o pandeiro no ritmo da toada acompanhando o som da viola do mestre.

Lista de vozes:

- 1ª voz- Mestre/Embaixador;
- 2ª voz- Contramestre;
- 3ª voz- Contrato;
- 4ª voz- Tala;
- 5ª voz- Contratala;
- 6ª voz- Contratinho;
- 7ª voz- Gritinho/Tip.

Lista de Instrumentos

- 1- Viola Caipira;
- 2- Violão;
- 3- Cavaco;

- 4- Violino;
- 5- Caixa grande/Surdo;
- 6- Caixa menor/surdo;
- 7- Pandeiro.

Os instrumentos são tocados muitas vezes pelos que cantam. O mestre por exemplo é o responsável por ser a base vocal e base para os outros instrumentos tocando sua Viola. É possível observar que os membros podem possuir duplas funções.

O principal instrumento da Folia de Reis é a viola caipira que, nas mãos do mestre da bandeira, se faz a base para todo o instrumental da companhia. Existem várias toadas tocadas pelo mestre, algumas exaltam a figura de Jesus e dos magos com alegria e outras com mais delicadeza, lembrando pessoas que já morreram. Algumas toadas agradecem as ofertas e outras se despedem. Normalmente as toadas cantadas para pessoas falecidas são entoadas somente com instrumentos de cordas, sem qualquer tipo de instrumento de percussão. Ao se “despedir” da família, os instrumentos de percussão tocam a todo o momento do rito. Quando se agradece a oferta as percussões têm o momento certo de se tocar. A viola é um instrumento de grande valor sentimental pois, o mestre da bandeira através do tinir das cordas e das toadas criam suas versões que devem ser, como as músicas, com rima, também conhecidas como trova. Nessas diferentes toadas, o mestre não avisa qual será cantada, mas, os demais foliões, ao ouvir a viola do mestre e as notas musicais tocadas pelo mesmo, tocam seus instrumentos e já sabem como ela vai ser cantada. Algumas toadas, exigem mais fôlego devido a uma nota mais difícil de alcançar ou que a resposta é bastante longa, sem um intervalo para respirar.

Para Weber (2021), a viola chegou ao Brasil com as missões jesuíticas, com isso se faz possível analisar a folia de Reis como uma irmã da viola caipira. Logo que os jesuítas chegaram ao Brasil usavam esse instrumento para catequizar os indígenas. Ao passar do tempo, a viola caipira portuguesa passa a ser utilizada pelos trabalhadores e com algumas modificações surge a viola caipira.

Aqueles que desejam fazer parte do grupo são muito bem recebidos. Aqueles que não sabem cantar e nem tocar um instrumento, no decorrer do ano deverá procurar alguém mais velho, como por exemplo, o mestre para aprender a tocar instrumentos ou cantar. No decorrer do ano também são feitos ensaios, uma maneira de aquecer as vozes e de ter encontros fraternos com os amigos e membros do grupo. Aqueles que já sabem cantar e

tocar instrumentos, costumam participar desses ensaios para que, os novos membros se acostumem com o grupo e se familiarize com as toadas.

2.7 A figura dos Palhaços

Uma das figuras mais simbólicas dos grupos de Folia de Reis são os palhaços, também conhecido como Bastiões. Eles podem ter diferentes significados em distintas em regiões do Brasil. Pergo (2007, p.2) vai dizer que:

Vale a pena salientar as figuras dos palhaços na folia. De modo geral, apresentam-se em dois ou três e são, sobretudo, os dançarinos do grupo. Eles costumam se chamar de irmãos e possuem obrigações e proibições específicas, como jamais dançar diante da “Bandeira”. Além disso, realizam acrobacias com um bastão, usam máscaras, utilizam um apito, buscando apontar a chegada e a partida da “Bandeira”. Nas exhibições dos palhaços, os espectadores procuram atirar moedas ao chão, em sua homenagem. Estes, por sua vez, brincam entre si e empurram as moedas com um porrete para que o outro nas pegue, ao mesmo tempo em que instigam o público a jogar mais dinheiro (PERGO, 2007, p. 2).

Na tradição oral da Família Godinho, o palhaço é o guardião da bandeira, ou seja, não apenas da bandeira em si, mas também dos foliões. Os palhaços representam outros dois palhaços que quando, após a visita dos magos, a Virgem Maria com o Menino Jesus e Jose, fogem do rei Herodes. Passar por uma fronteira, havia um local de posto de guardas. Os palhaços ao fazerem palhaçadas, distraíram os guardas que controlavam a divisa e a sagrada Família consegue atravessar esse limite sem serem notados. Os palhaços vestem roupas coloridas feitas de chita e usam máscaras para esconderem o rosto. Usa-se também, chapéus e botas ou botinas. Um dos elementos importantes é o facão, uma espada feita de madeira que simboliza a morte dos inocentes que o rei Herodes manda exterminar pensando que eliminaria o Menino Jesus. Essa espada na maioria das vezes é pintada com tinta vermelha simbolizando o sangue do martírio dos santos inocentes.

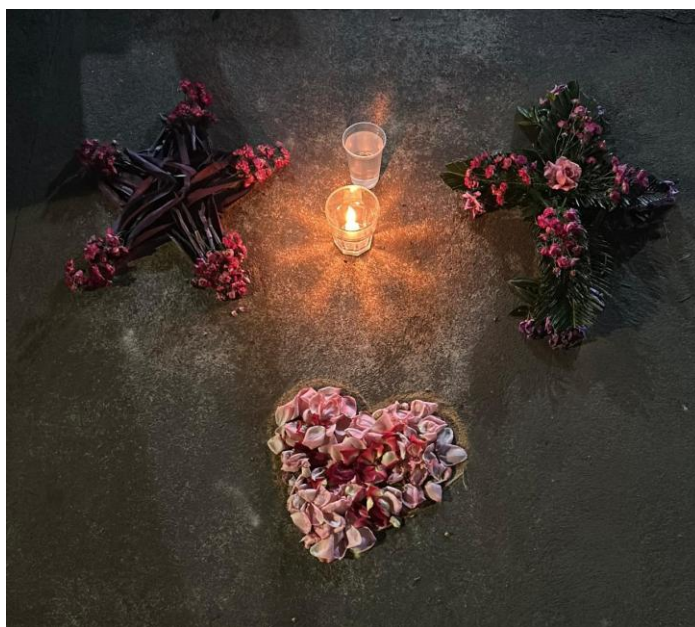
Figura 4- Palhaços na saída da bandeira no sítio São José, propriedade da família Godinho na Água do Almoço em Cândido Mota/SP.



Fonte própria (2024).

Os palhaços além das funções estabelecidas, têm o papel de distrair as pessoas e de brincar com os donos da casa, além de pedir esmolas para a realização das festas. Muitas pessoas, que oferecem almoço ou jantar, prepararam brincadeiras para fazerem com os palhaços. Alguns pedem versos que podem ser pedindo para passar do portão e entrar na residência ou até mesmo agradecer o povo que muitas vezes são convidados pelos proprietários a estarem jantando junto com a companhia. Outros, dentro de uma tradição centenária, fazem símbolos no chão com flores. Esses símbolos podem ser: estrela que representa a estrela que guiou os magos; três montinhos de Flores que simbolizam os Três Reis Magos; o copo d'água que representa o batismo de Jesus no Rio Jordão; uma vela acesa lembrando a luz de Cristo e a estrela de Belém; o chamado ABC que podem ter inúmeras significados mas que, o A pode significar o amor de Deus que mandou seu filho único para a terra, o B de Belém que é a cidade onde nasceu Jesus e o C significando os caminhos que os Magos percorreram até chegar a Jesus que, também é um convite para que os devotos percorram o caminho até chegar à salvação que é o Cristo. Por fim, tem-se a cruz que significa o sinal da salvação da humanidade através da crucificação de Cristo pois, celebra-se a Natividade de Jesus pelo plano são salvífico: Veio ao mundo para trazer a salvação para a humanidade.

Figura 5- Símbolos feito com flores para a brincadeira com os palhaços. Fonte própria (2025).



Fonte própria (2025).

Quando os palhaços se deparam com esses elementos, se faz em forma verso, a saudação de todas as flores. Depois, faz o mesmo com cada símbolo, podendo ter vários desses símbolos. Ao falar o verso, quem fala retira as flores que na maioria das vezes tem moedas debaixo. As moedas são presentes ao palhaço que desvendou o mistério daquele sinal. As flores são montadas num canto. Se houver a cruz também de flores, se faz uma saudação especial. Em forma de verso, fala-se um verso para tirar um braço da cruz, depois outro verso para tirar outro braço da cruz e, assim se repete, retirando-se com versos a parte superior e por último a inferior. Esses elementos simbólicos da fé cristã, colocados com flores, servem para que os palhaços divirtam o povo e, através dessa diversão e olhar atento daqueles que acompanham todo o rito, sejam evangelizados. Após a brincadeira, todos os palhaços pegam as flores que foram retiradas e gritam um “viva”, saudando Jesus, a Virgem Maria, São José, Santos Reis e toda a companhia, além do dono da residência que oferece a refeição.

2.8 Jornada de visitas do Grupo e a festa de Reis.

O início da jornada, ou seja, o início das visitas é no dia 25 de dezembro, conhecido também como saída da bandeira, data celebrada pelos católicos como nascimento de Jesus. A família Godinho inicia os festejos de Natal fazendo preces para todos os membros da família e foliões com a oração do terço por volta das 9h00 da

manhã. Serve-se um grande almoço no sítio da família na Água do Almoço por volta das 12h00. Após o almoço, por volta das 15h00, inicia-se a cantoria. O mestre e os cantores iniciam a cantoria lembrando de toda a passagem bíblica que remete ao nascimento de Cristo. Após fazer isso o mestre cantando pede para que tragam a bandeira de Santos Reis. Com a bandeira na frente de todos os foliões e convidados fazem uma fila indiana para todos beijarem as fitas ou até mesmo a bandeira em sinal de devoção e fazem um pedido de benção particular e de benção para a jornada que se inicia. Após todos terem beijado a bandeira, o mestre volta a cantar, agradece o almoço e, convida a todos para se fazerem presentes, com os palhaços já usando toda fantasia. Agradece as ofertas cantando e depois se despede, faz a meia lua no quintal do sítio, em forma de procissão e inicia as visitas nas casas.

É montado no local onde está sendo realizada a festa três arcos onde cada companhia é responsável por saudar, lembrando que, cada arco representa um dos Magos do Oriente. O mestre faz a saudação cantando e, ao saudar passa por debaixo do arco. Ao chegar ao fim dos três arcos, os grupos ficam próximos. É realizado então o encontro dos palhaços e após isso, o encontro das bandeiras. É nesse momento que as pessoas costumam fazer pedidos e agradecimentos aos Santos Reis. Esse encontro lembra o encontro que tiveram os magos pelo caminho em direção a Belém. Após ser encontradas as companhias, uma de cada vez segue para o presépio fazendo sua homenagem ao menino Jesus assim como faz nas casas que foram visitadas e onde havia o presépio.

Figura 6- Encontro das bandeiras no dia Reis, 6 de janeiro de 2025.



Fonte própria (2025).

Logo quando surgiu a companhia de Reis da família Godinho, a realidade era totalmente diferente da realidade atual. Segundo os mais velhos que ao passar do tempo vão contando histórias, os trajetos eram diferentes, a maneira que se fazia as visitas eram diferentes pois, atualmente existem meios de transportes que facilitam a agilidade e o traslado dos seus membros. Nos primórdios do grupo, todo o trajeto era feito andando, não existiam meios de transportes para que pudessem fazer as visitas. As doações eram na maioria das vezes animais que eram criados e cuidados pelas próprias famílias que doavam. Naquela época a maioria da população na região de Cândido Mota e em especial a Água do Almoço, era majoritariamente rural e as casas eram próximas umas das outras. Com isso, era possível fazer o trajeto caminhando. Como o trajeto era feito sem meios de transporte, os componentes do grupo pernoitavam nas residências onde a família oferecia o jantar. Isso justifica o fato de no mesmo lugar onde se janta volta-se no dia seguinte para dar início a jornada daquele dia e agradece as ofertas.

Todas as oferendas arrecadadas naquela época, do surgimento da companhia, eram transportadas via carroças até a residência do festeiro. As oferendas eram, em sua maioria, alimentos e animais ligadas a produção rural, que os próprios doadores cultivavam ou criavam em suas propriedades.

Segundo informações de meus tios e pais que, ao longo do tempo vão compartilhando suas histórias, é possível entrever que naquele período, os festeiros eram escolhidos de acordo com algum pedido de bençãos ou graças que foram alcançadas através da intercessão dos magos do Oriente. Cada festeiro sediava a sua festa no dia 6 de janeiro com todos as doações arrecadadas do dia 25 de dezembro até o dia da festa. O festeiro realizava a festa de Reis em sua propriedade que, seriam sítios ou fazendas. A preparação dos alimentos se iniciava dias antes da Grande festa que, até atualmente pessoas se desdobram voluntariamente para preparar os alimentos que todos irão comer.

Atualmente, com a associação Estrela do Oriente, as festas são realizadas pela família Leiteira com a participação da família Godinho que doa tudo o que é arrecadado para que se faça a festa. Algumas vezes é cedido para que outra pessoa seja o festeiro. Contudo, não mais se faz na residência do próprio festeiro, mas sim em uma área que já exista recursos para realização da festa. Os recursos seriam cozinhas e barracões para que comporte o grande número de fiéis que comparecem ao almoço.

2.9 A bandeira de Santos Reis.

A bandeira de Santos Reis é um tecido pintado à mão. Tem cena em que os magos encontram o Menino Jesus em Belém. A bandeira da Família Godinho é um mastro que tem o formato de cruz e nos braços, é pendurado a bandeira. Nas pontas de cada braço é colocado fitas coloridas que podem representar pedidos ou agradecimentos. Acima do tecido são colocadas flores, podendo ser formas de agradecimento ou pedidos de bênçãos.

Figura 7- Bandeira dos Santos Reis
Família Godinho.



Fonte própria (2025).

É muito comum que haja fotos colocadas na bandeira. Essas fotos normalmente são de pessoas que receberam milagres e bênçãos através da intercessão dos Reis Magos ou pessoas que fizeram pedidos pela pessoa na foto como, pedidos pela saúde pedidos por empregos entre outros. Outro motivo pelo qual se coloca fotos na bandeira, seria imagens de pessoas que já faleceram, pedindo aos reis que eles possam estar em um lugar de paz.

2.10 Tradição Oral

A família Godinho mantém viva a tradição transmitida através da oralidade, também conhecida como tradição oral. Na cultura brasileira, a tradição oral é a forma de passar conhecimentos, histórias, lendas, mitos e valores de uma geração para outra, usando apenas a fala, sem recorrer à escrita.

A própria folia de Reis é uma tradição oral tendo em vista a religiosidade em que se propaga aos filhos e aos netos a devoção aos Santos Reis. Os ensinamentos para tocar os instrumentos, os ensinamentos dos versos dos palhaços, os ritos vividos pelo grupo vêm da tradição oral. Como foi possível analisar desde os primórdios, a cultura da folia de Reis vem se mantendo através dos ensinamentos passado dos mais velhos para os mais novos. Essa tradição torna-se forte devido a esses ensinamentos e

vivências desde criança, fazendo que, torna-se identidade fazer parte da folia de Reis (Pereira, 2024). A história da família Godinho na região de Cândido Mota/SP, mostra o quanto é importante essa tradição que por cerca de 13 dias visitam inúmeras casas e arrecadam inúmeras doações para uma festa grandiosa.

É muito importante para a família Godinho manter viva essa tradição que faz parte da história e memória dela. Desde a fundação da companhia, é muito importante que as crianças interajam no grupo, participando das visitas nas residências e das demais atividades da folia. A observação do que é feito pelo grupo é de grande importância pois, se aprende praticando e ouvindo os conselhos dos mais velhos. Normalmente, as crianças da família logo que começam a andar o pai e a mãe fazem uma roupa de palhaço com os demais itens necessários e buscam estar levando-as em alguns momentos para que, haja interação com os mais velhos. “E esta tendência continua a desenvolver-se. Os filhos, ao nascer, já encontram os pais dedicados, de corpo e alma, à jornada dos Reis” (Castro e Couto, 1977, p. 7). “As regras abstratas da moral, as crenças, os conhecimentos racionais não têm outro suporte a não ser o discurso. O gesto ou a mímica deixam de ser um socorro para comunicar” (Claval, 2007, p. 67).

2.11 A folia de Reis, uma cultura.

Vale ressaltar que a companhia de Reis da família Godinho foi fundada em 1916, na Água do Almoço em Cândido Mota/ SP. Como afirma Claval (2007), a cultura é passada de geração em geração, estando já em sua quarta geração a folia de reis da família Godinho deve ser compreendida como uma prática cultural de grande relevância para a sociedade local, para as pessoas envolvidas e para o estudo acadêmico. Para Claval (2007), a família tem um papel fundamental para transmissão da cultura, e que essa transmissão é feita em etapas diferentes na vida do indivíduo conforme a idade se avança.

Os grupos de Folia de Reis têm um papel fundamental na transmissão dessa tradição cultural, visto que, no seu início, a folia servia como um movimento de catequização dos povos indígenas e posteriormente dos escravizados. A viola é o principal instrumento da folia. A viola foi usada pelos padres da Companhia de Jesus também com o intuito de catequização (Weber, 2021). Logo, ao passar dos anos, o grupo de folia de Reis ainda continua levando a sua cultura através da tradição oral os ensinamentos dos

mais velhos dos estudos bíblicos, que relatam os acontecimentos contidos nos Evangelhos com os cantos, danças e os ritos feito pelo grupo. Essa transmissão de fé, é também uma transmissão cultural católica e de certa forma com resquícios europeu da Península Ibérica.

No âmbito do "patrimônio imaterial", que tem se consolidado tanto no Brasil quanto em nível internacional, a singularidade de seu objeto – bens de natureza processual e dinâmica – e a complexidade que envolve sua proteção – que está ligada a fatores socioeconômicos e, principalmente, à disposição e ao interesse dos detentores em preservá-los – têm oferecido contribuições significativas para implementar o que está definido no artigo 216 da Constituição Federal de 1988: a essencial participação da sociedade, em conjunto com o Estado, na proteção do patrimônio cultural brasileiro. Nesse contexto, para a concessão do registro, é fundamental que os detentores do bem concordem previamente e de maneira informada. O IPHAN levantou o problemática de preservação desses patrimônios materiais recentemente com estratégias de políticas de proteção para os complexos de patrimônios culturais, como o decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000 que instituiu o registro de bens culturais de natureza e imaterial e que criou o programa Nacional de patrimônio imaterial (PNPI). Além disso consolidou o Inventário Nacional de Referência culturais (INCR). Vale ressaltar que em 2004 surgiu a política mais adequada para o reconhecimento e preservação desses bens e materiais a partir da criação do Departamento do Patrimônio Imaterial. Através do Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010, surgiu o Inventário Nacional de Diversidade Linguística (INDL), buscando um reconhecimento e a valorização das línguas portadoras de referências a memória, ação e identidade de diferentes grupos culturais na sociedade brasileira. Papel do IPHAN, nesse cenário, é essencialmente de mediação e suporte às propostas, solicitações e iniciativas dos detentores (Fonseca, 2017, p.14).

Apesar das recentes instrumentalizações, cabe-nos a ressalva de que cumpre ao IPHAN a função de mediar o processo de preservação dos bens culturais que, em primeira instância, dependem do desejo dos seus detentores e de ações sociais locais para lhes dar continuidade. Nesse aspecto, presume-se que a elaboração de uma política pública na área deva surgir de debates e consensos em torno das plurais demandas culturais que provêm das sociedades e territórios, estando concatenada aos interesses dos envolvidos aos patrimônios. Daí o processo de pesquisa, inclusive acadêmica, para o reconhecimento das especificidades de um bem cultural e diagnóstico de sua relevância enquanto objeto de patrimonialização (Goulart, 2021, Cunha 2021, p 681).

O espaço é um elemento fundamental na constituição da Folia de Reis, pois é nele que se desenvolvem os rituais, as interações sociais, os deslocamentos simbólicos e a

expressão da religiosidade popular. As casas dos devotos se tornam lugares sagrados durante a visita dos foliões. O espaço privado é aberto ao coletivo, acolhendo a fé, a música e os rituais. A sala, o quintal ou a varanda se transformam em altares improvisados. O espaço na Folia de Reis não é apenas o cenário onde tudo acontece. Ele é parte essencial do ritual, pois é atravessado, transformado, consagrado e partilhado. É um espaço de encontro entre o divino e o humano, entre a tradição e o cotidiano.

Santos (1996), define o espaço como o conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações. Isso permite entender como a Folia de Reis transforma o espaço físico em espaço vivido e simbólico por meio das ações culturais e religiosas dos foliões. “O espaço é um híbrido entre materialidade e vida, entre o fixo e o fluxo.” (SANTOS, 1996, p. 51).

Segundo Tuan (1977), o lugar é um espaço que adquire valor afetivo e simbólico por meio da experiência humana. É quando o espaço físico se torna conhecido, sentido, vivido e partilhado, ou seja, quando ele se torna existencial. Na Folia de Reis, os lugares não são definidos apenas por coordenadas geográficas, mas pela relação espiritual e emocional que os foliões e devotos estabelecem com eles.

Assim, cada casa visitada pelo da folia se torna um lugar sagrado e simbólico. O quintal, a varanda ou a sala do morador tornam-se lugares de fé, memória e tradição. A bandeira dos Santos Reis, ao ser recebida, transforma o espaço doméstico em espaço ritual. “O espaço se torna lugar à medida que é conhecido e dotado de valor.” (TUAN, 1977, p. 6).

À luz da perspectiva humanista de Tuan (1977), a Folia de Reis configura-se como uma prática sociocultural que atribui sentido ao espaço por meio da vivência e da experiência simbólica. As residências, vias e trajetos percorridos pelos foliões deixam de ser meramente elementos da espacialidade física para se converterem em lugares impregnados de afetividade, memória e religiosidade. Simultaneamente, o deslocamento ritualístico dos grupos e a repetição cíclica do evento produzem um território simbólico, no qual se consolidam vínculos de fé, tradição e pertencimento coletivo, reafirmando as identidades culturais das comunidades envolvidas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de nossas vivências dentro da Cia de Reis Família Godinho e de leituras de textos relacionados ao tema abordado, foi possível observar os principais acontecimentos que levaram ao surgimento da folia de Reis. Dentro de uma cronologia observou-se os relatos bíblicos revelando o nascimento de Cristo e a Visita dos magos, além de saber quem era os Reis Magos. A partir daí, a manifestação cultural e devoção aos reis magos na península ibérica e o surgimento da viola caipira. Com o a chegada dos portugueses e na junção da devoção aos reis magos, a utilização da viola e a necessidade de catequizar pelos jesuítas, surge a folia de Reis.

Com a autoetnografia, se fez possível observar os fatores histórico-geográficos que fizeram com que essa tradição chegasse a até a região de Cândido Mota-SP. Com o senhor José Pereira Godinho e, com sua carga cultural, surge o grupo de folia de Reis da família Godinho, após um processo migratório na região do médio Paranapanema.

Refletir sobre a abordagem autoetnográfica no exame da música da Folia é considerar como essa ferramenta, com suas diversas potencialidades, envolve uma manifestação musical que engloba performances, sonoridades, encontros familiares e emoções como superação e religiosidade, desvendando significados profundos desse fazer musical (Ribeiro, 2020)

Em meu trabalho, busquei mostrar a origem da folia de Reis e como foi possível a criação da folia de Reis da Família Godinho, contando detalhes etnográficos, dos sinais e símbolos que cercam esse movimento cultural. O simbolismos dentro dos ritos feitos pelo grupo, a bandeira, os enfeites, os palhaços, os instrumentos musicais, as vozes utilizadas para que se possa cantar as toadas e os personagens que cercam a folia.

Muitos desafios se abrem com esse trabalho buscando entender cada vez mais esse movimento cultural da cultura brasileira. Por minhas experiências e observações, cada região do Brasil onde se tem grupos de folias de Reis, tem maneiras diferentes de se expressar como, o musicar com as toadas, o significados dos gestos e ritos bem como dos personagens que cercam essa manifestação. Esse trabalho traz a memória e história da família Godinho, de Cândido Mota. Fala sobre fé, resistência, tradição e cultura. Fala sobre respeito, mudanças e continuidades. Fala sobre mim, sobre meus antepassados e sobre como tais ritos e festividades são importantes para a manutenção da identidade e da transmissão de saberes e fazeres para as próximas gerações de nossa família.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, P. M. **Cândido Mota (São Paulo)**. Disponível em: <https://marcioalexandre.com.br/candido-mota-sp/?utm_source=chatgpt.com>. Acesso em: 24 maio. 2025.
- ANTONIO, Jacqueline Rodrigues. **De Magos à Reis: A transformação das Representações da adoração dos Reis Magos**. 2012. Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/sepech/sepech12/arqtxt/PDF/jacquelineantonio.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2025.
- BÍBLIA DO PEREGRINO. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1984. Coleção Primeiros Passos. Disponível em: <https://www.apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/2017/03/oquefolclore.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2025.
- CASTRO, Zaíde Maciel de e COUTO, Aracy do Prado. **Folia de Reis**. Cadernos de Folclore nº 16. Rio de Janeiro: Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3. Ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2007.
- FABRI, Aline. **Cultura Popular, Religião e Imprensa Local: As Festas de Reis de Cândido Mota- SP nos Jornais da Cidade (1972-2016)**. ANPUH- Brasil- 30 Simpósio Nacional de História. Recife. 2019.
- File:SaoPaulo Municip CandidoMota.svg - Wikimedia Commons**. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:SaoPaulo_Municip_CandidoMota.svg>. Acesso em: 8 de jul de 2025.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2017
- GOULART, Rafaela Sales; CUNHA, Fabiana Lopes. **Um Mapa das Foliás de Reis do Estado de São Paulo: notas preliminares sobre o processo de reconhecimento de um patrimônio cultural e imaterial do Brasil**. Revista de História e Estudos Culturais, v. 21, n. 1, jan/jun. 2024.
- HILDESHEIM, João de. **O livro dos Magos**. Milão: Lucerna, 2004.
- IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>> . Acesso em: 31 de maio de 2025.
- PANARO, Emerson Soler. **Anúncio do Nascimento**. In: *Cia De Santos Reis Família Godinho* [CD]. Cândido Mota. 2012. 1:25 min.
- PERGO, Vera Lucia **“OS RITUAIS NA FOLIA DE REIS: UMA DAS FESTAS POPULARES BRASILEIRAS”**. s.l: s.n.].2007, Disponível em:http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINO_RELIGIOSO/artigos/3rituais_folia_reis.pdf. Acesso em 20 de maio de 2025.

PEREIRA, Camila. **A Tradição Oral na Cultura Brasileira - Cultura Nova Fase.** Disponível em: <https://culturanf.com.br/preservando-nossa-historia-valorize-a-tradicao-oral/> Acesso em: 21 de maio. 2025.

REDAÇÃO ASSISCITY. **Cia de Reis Família Godinho comemora 104 anos com live neste domingo.** 1 de jan. de 2021 Disponível em: <https://www.assiscity.com/cia-de-reis-familia-godinho-comemora-104-anos-com-live-neste-domingo/> . Acesso em: 4 jun. 2025.

RIBEIRO, Priscila. **A Autoetnografia, o Musicar e a Foliã de Reis, uma pesquisa em construção.** Disponível em: <https://anppom-congressos.org.br/index.php/30anppom/30CongrAnppom/paper/viewFile/137/81>. acesso em: 20 maio. 2025.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.* São Paulo: Hucitec, 1996.

TUAN, Yi-Fu. *Space and Place: The Perspective of Experience.* Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.

VILELA, Ivan. **Cantando a Própria História: Músicas Caipira e Enraizamento.** 1ed. São Paulo- SP: Edusp- Editora da Universidade de São Paulo. 2015.

WEBER, Lucas. **Instrumento de lutas e acordes: conheça a origem da viola caipira.** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/podcast/mosaico-cultural/2021/02/26/instrumento-de-lutas-e-acordes-conheca-a-origem-da-viola-caipira/#:~:text=A%20viola%20chegou%20ao%20Brasil,%C3%A9poca%20foi%20Jos%C3%A9%20de%20Anchieta.&text=Logo%2C%20o%20instrumento%20se%20interiorizou,o%20nome%20de%20viola%20caipira>. Acesso em: 21 de maio. 2025.